

DEUS ESTÁ MORRENDO!

Não se assustem, pois a frase acima é a mais pura verdade! Ele morre cada vez que uma bala perdida ceifa uma alma inocente que mal chegou a este mundo; Ele morre sempre que um viciado em descontrole atira e mata a única filha de um casal cuja existência deixou de ter uma razão. Ele morre em todo o instante que um marido agride a esposa, a mulher que ele disse amar perdidamente e a quem afirmou ter entregado seu coração. Ele fenece quando um político desalmado desvia dinheiro do erário para benefício próprio, esquecendo-se que ao fazer isso comete um crime coletivo, ceifando vidas por falta de atendimento médico ou medicamentos fornecidos pelo Estado.

Ele padece quando percebe que mesmo oferecendo a vida de seu filho em sacrifício para nossa redenção, ainda existem pessoas que cultuam e idolatram um sujeitinho abominável, asqueroso e arrogante que quase levou o mundo em direção a hecatombe total, abalando as estruturas da civilização apenas para alimentar seu ego desmedido.

Ele sangra quando usam o seu nome em prol de promessas tresloucadas de falsas indulgências, ou ainda para angariar lucro como se fosse ele uma mercadoria. Ele sofre quando um homem detentor de poder vale-se desse poder para incitar o ódio e a guerra, conduzindo milhares em direção à morte como um rebanho de seres destituídos de consciência coletiva. Ele chora por saber que sua criação predileta prefere cultivar o “ter” em lugar do “ser”, valorizando uma egolatria desmedida e um narcisismo vazio.

Nosso Pai Eterno definha ao ver o planeta que ele nos deu ser destruído lenta e gradualmente pela cobiça insana e egoísta do homem sendo lobo do próprio homem, que solapa a natureza apenas para acumular riquezas que de nada servirão quando não houver mais mundo. Ele se sente esvaído quando as máquinas tomam o seu lugar em um novo culto algorítmico pelo qual o homem também quer brincar de senhor absoluto sobre a vida e a morte.

Sua alma é destroçada a todo momento em que mata-se em seu nome, em que se alimenta a vingança e o ódio desmedido contra um inocente valendo-se como justificativa evitar um mal maior. Ele está prostrado ao ver e sentir a intolerância assolando a humanidade; a mesma humanidade que nasceu em pé de igualdade e que agora prefere diferenciar para radicalizar e submeter.

Ele está morrendo porque nos esquecemos de observar e cumprir o maior de seus mandamentos; não me refiro àqueles inculpidos em pedra, mas sim ao que veio pela palavra de Seu Filho: amai teu semelhante como a ti mesmo. Sua dor reside na trágica constatação de que optamos por odiar em vez de amar; optamos por destruir em vez de construir; optamos por falar em vez de ouvir; optamos por agredir em vez de abraçar; optamos pelo prazer sensorial em lugar da realização espiritual. Preferimos memes às palavras e ler tweets em lugar dos livros e das notícias reais.

Ele nos fez essencialmente bons, mas conceitualmente nos deixou como legado o livre arbítrio, permitindo que possamos escolher entre o bem e o mal, entre o certo e o errado, mas acabamos por distorcer o significado dessas palavras em favor de nossa própria paixão. Preferimos causar dor ao nosso semelhante apenas porque ele é diferente! Mas, que diferença é essa? Cor da pele? Opção sexual? Crença religiosa? Na verdade isso não importa; importa apenas que ele é diferente e isso basta para rechaçá-lo de nosso convívio. Nos esquecemos que quando causamos mal a um semelhante, também causamos mal ao nosso Criador que sofre tentando compreender porque nos distanciamos Dele e nos fixamos apenas em nós mesmos.

A egolatria atingiu seu ápice nos iludindo com a ideia de que somos deuses e temos controle sobre tudo e sobre todos, ao mesmo tempo em que nos encontramos acima do bem e do mal. Não se trata mais de driblarmos a morte ou ainda de prolongarmos a vida artificialmente; o estágio atual revela-se ainda mais preocupante, pois queremos deter o poder sobre a vida, como se pudéssemos agir da mesma forma que Ele agiu e assim nos desvencilharmos definitivamente das amarras que nos prendem ao Criador.

Esse é o caminho trilhado pelo ególatra que se acha superior e mais capacitado que os demais para decidir sobre o futuro coletivo, criando uma série de ilusões que dignifiquem seus pensamentos e veiculando-as por meio do universo cibernético e pelas redes sociais.

Diz o professor Luiz Fernando Lopes:

Há pessoas que se consideram superiores e com a prerrogativa de humilhar publicamente aqueles que se consideram inferiores. O fato de ter trilhado um caminho de conquistas no horizonte da formação e no campo profissional ao invés de funcionar como um indutor de solidariedade e humanismo, converte-se em motivo de egolatria e justificativa para a manutenção da desigualdade.¹

Da mesma forma, ponderemos as palavras do Dr. Eduardo Aquino:

Somos uma civilização egoísta, onde todos só querem levar vantagem, a custa de explorar aos outros. Egoístas que só veem o próprio umbigo, querem levar vantagem em tudo, ter grande poder, consumir compulsivamente, na mesma proporção em que vamos perdendo a liberdade de ter um futuro, pois nos aprisionamos cada vez mais na "teia das dívidas" e com isso trabalhar se transforma na penitência diária de ganhar um salário que já está "consumido" pelo cartão de crédito, cheque especial, crédito consignado e os agiotas de plantão.²

O Criador agora nos vê como escravos escravizados por nós mesmos, por nossa ambição desmedida e por nossa cegueira coletiva que somente tem olhos para as telas de computadores, tabletes e celulares. Ele está morrendo por nossos pensamentos, palavras, atos e omissões que diariamente cometemos sem nos preocuparmos com emoções e sentimentos. Agimos, pois, como o próprio Lúcifer, o arcanjo predileto do Criador que em dado momento julgou-se capaz de ser melhor e maior que Ele. Estamos esvaindo nossas almas em favor do que é tangível e não sensível, pois é isso que realmente vale a pena.

Se você tem alguma dúvida, olhe a sua volta e perceba o que vê: fome, miséria, guerras, dor, sofrimento, abandono ..., é suficiente? Ou é preciso ainda mais para que percebamos a evidência de que o Criador morre por nossa culpa? E a única maneira de reverter-se esse evento é com fé. Fé que consiste em crer sem exigir provas; fé significa ir contra a dúvida, depositando confiança sem questionar. E isso, nos dias atuais, parece algo um tanto insólito. A palavra fé tem origem no Grego "pistia" que indica a noção de acreditar e no Latim "fides", que remete para uma atitude de fidelidade. No contexto religioso, a fé é uma virtude daqueles que aceitam como verdade absoluta os princípios difundidos por sua religião.

Ou seja, ter fé em Deus é acreditar na sua existência e na sua onisciência, independentemente de uma comprovação fática, bastando a sensibilidade que toca o espírito e também estimula a mente no mesmo sentido. É pela fé que aceitamos o inaceitável ao mesmo tempo em que a compreensão se torna sensível e não cognoscível importando a experimentação de um estado de plenitude espiritual e sensorial que nos enleva e nos faz compreender a verdadeira natureza humana.

E o primeiro passo para que a fé mude não apenas o curso dessa morte anunciada do Criador consiste em termos fé em nós mesmos. Como disse Albert Einstein: *"Há duas formas para viver a sua vida. Uma é acreditar que não existe milagre. A outra é acreditar que todas as coisas são um milagre"*. E acreditarmos que tudo a nossa volta é um milagre diário que aprimora nossa existência, mesmo aquelas experiências tristes, dolorosas e frustrantes, nos fortalece e nos torna melhores; e assim como o Criador soprou vida no barro nós podemos soprar de volta para que ele sinta que assim como somos importantes para Ele, também Ele é importante para nós. Vejamos o seguinte exemplo:

Chris Gardner é um dos homens mais ricos dos Estados Unidos, com uma fortuna estimada em 600 milhões de dólares! Mas quem vê Gardner agora não imagina todos os sofrimentos e desafios que este homem teve que enfrentar.

Como se dormir na rua, passar fome e frio não bastasse, o maior sofrimento de Chris Gardner foi ter que ver o seu filho passar por tudo isso com ele! Afinal, Chirs assumiu a responsabilidade de cuidar sozinho do seu filho. Na época, ele estava determinado a ser corretor no mercado das ações, pois era um emprego que poderia dar uma vida boa e, ao mesmo tempo, não exigia formação universitária.

Mesmo com todas as dificuldades, Christopher não desistiu por um só minuto de lutar. Lutou, persistiu e venceu. Teve determinação para acreditar que alguma hora chegaria longe. Então, com a sua virada no mundo dos negócios, Chris saiu de uma situação de grande pobreza para um homem de sucesso.

A sua história ficou mundialmente famosa em “A Procura da Felicidade” (sim, aquele filme com o Will Smith que sempre te faz chorar), baseado no livro homônimo escrito por Gardner.

Atualmente, Chris Gardner usa a sua experiência e história de vida para compartilhar com as pessoas de todo o mundo como quebrar os obstáculos da vida e seguir os seus sonhos com esperança e determinação.³

Aliás, é dele a seguinte frase: “Nunca deixe ninguém te dizer que não pode fazer alguma coisa. Se você tem um sonho, tem que correr atrás dele. As pessoas não conseguem vencer, e dizem que você também não vai vencer. Se você quer uma coisa, corre atrás”. Então podemos afirmar que fé também é superação. E quando lutamos por nossos ideais, por nossas convicções estamos remando contra a maré acreditando (ou melhor, tendo fé), sem que precisemos de uma comprovação material/racional que nos mostre que estamos no caminho certo. Fé também é esperança que alimentamos diariamente, desde o momento em que acordamos até o momento em que vamos nos deitar. E esses dois componentes nos levam à percepção de que a ideia de que Deus faz milagres é errada, já que ele opera milagres através de nós, porque nos somos o seu especial milagre!

Somente por nós ele não morrerá, não porque acreditamos nele, mas porque a fé dele em nós incendeia nossas almas e nos faz a sua imagem e semelhança. Quando olhamos para nosso semelhante que sofre, seja material e espiritualmente, e lhe estendemos a mão sem receio de que ele seja uma ameaça iminente impedimos que Deus morra; quando vamos à igreja, ao templo, à sinagoga ou qualquer lugar destinado à reunião com o Criador e oramos não apenas por nós, por nossos semelhantes, mas também por toda a humanidade estancamos os sangramentos que Deus sofre ao ver o abandono e a iniquidade.

Vivemos, hoje, em uma realidade virtual fruto de uma cibernética desvairada onde o que importa é quantos “likes” as nossas postagens recebem, ou quantos seguidores temos no YouTube, ou ainda quantos compartilhamentos têm as notícias e vídeos que multiplicamos, mesmo sem saber se são eles verdadeiros ou apenas quimeras, esquecendo-nos de que há uma realidade sensível, que precisa ser compartilhada, compreendida e desfrutada importando saber não apenas o que sentimos, mas também o que nossos semelhantes sentem.

Quando você deixa de acreditar em uma vida eterna (já que não existe nenhuma garantia de sua existência, a não ser a fé) e passa a viver baseado nas experiências e não em promessas e em histórias, você está matando Deus.⁴

Ou seja, matamos Deus quando preferimos viver o agora do que a expectativa do amanhã, de viver as sensações materiais do que ansiar pela vida eterna. Nos dias atuais, deixamos de lado a busca por um sentido da vida, optando pelas experiências imediatas que nos proporcionam prazer momentâneo e uma lembrança que a nosso ver será mais eterna que tudo. É uma idiotice? Deixo a resposta ao critério do leitor. Aliás, cabe destacar que este não é um artigo de cunho religioso ou filosófico, embora eu creia que possa ser ambos. A bem da verdade trata-se de um estímulo mental de algumas constatações que, acredito, afligem a todos.

Não, senhores; Deus não está morrendo, todavia há um esforço da humanidade em matá-lo lentamente; tentam matá-lo quando uma mãe sabedora dos maus tratos sofridos pelo único filho por um companheiro notoriamente violento, queda-se inerte e silente sob a alegação de que também ela era vítima do companheiro, um sujeito vil e desalmado⁵.

Inúmeras tentativas de matar o Criador ocorrem quando se ceifa a vida de um inocente que mal conheceu o mundo, tornando-se apenas mais um dado estatístico⁶. Há ainda a colaboração frutífera de cientistas e pensadores do chamado “neo-ateísmo” para os quais o importante é apenas romper o que eles chamam de paradigmas inócuos da fé sob a alegação de que se tratam de influências primitivistas e anticientíficas que apenas contribuem negativamente para a modernidade.

Eis um pequeno excerto digno de nota:

“A crença na eficácia de uma oração torna-se uma preocupação totalmente pública no momento em que é posta em prática: no mesmo instante em que um cirurgião deixa de lado o bisturi e os anestésicos e tenta salvar o paciente com uma oração, ou que um piloto resolve aterrissar um jato de passageiros apenas repetindo a palavra “aleluia”, passaremos do domínio da fé pessoal para um tribunal de justiça.”⁷

Pondero que pretendem colocar sob o mesmo rótulo situações insólitas com a capacidade humana de ter fé, e a meu ver tal postura também é um ataque direto ao Criador ceifando do homem sua enorme crença na fé. Em outro excerto do mesmo texto observamos outra justificativa fundada no neo-atéismo:

*“Nossas crenças estão nos levando, inexoravelmente, a matar uns aos outros porque, além de não existir apenas uma crença, elas são incompatíveis entre si. **O princípio central de cada tradição é que todas as outras são apenas repositórios de erros. Assim, a intolerância é intrínseca a todos os credos**”*

A fé não é intolerante, mas o homem que a promove e estimula radicalismos é sim um intolerante; atribuir à crença a culpa pelo estado de coisas que temos atualmente é, no mínimo, ofuscar o cerne da questão que reside no radicalismo exacerbado que frutifica nos dias atuais por outras razões além da fé. Deste modo é o fanatismo cego e cegante que deturpa a religião assim como põe em risco a existência de Deus; e quando falamos de fé não falamos, necessariamente, de religião, até porque acreditamos que elas não andam de mãos dadas, posto que a religião (qualquer uma) é movida pela paixão do fanatismo e pela concupiscência da materialidade usurária.

Questionar os valores de uma pessoa de fé que acredita na vida após a morte com a pergunta capciosa sobre porque então ele não se mata, além de tratar-se de um questionamento imbecil, rouba a humanidade do indivíduo para quem ele não aqui está por um propósito superior, pois, caso contrário, mais uma vez estaremos diante de um crime contra Deus. Nos grandes momentos históricos de crise, homens apelaram para a razão, mas sem afastarem-se da fé, crendo que todo o seu arcabouço científico de nada valeria sem a crença de que daria certo.

No esteio do que comentou-se acima vem uma outra visão que alega ser o homem um brinquedo nas mãos de Deus, pois sendo ele nosso criador, nós enquanto criaturas não possuímos vontade própria, muito menos liberdade para agir, o que nos reduziria a marionetes manipuláveis; ou seja onde há Deus não há liberdade (um aspecto do raciocínio de Friedrich Nietzsche), e vice-versa. Ponderemos que ante a negação da existência de Deus estaríamos nós livres para fazermos o que viesse a mente, sem culpa, sem receio e principalmente se temor do castigo divino, transformando liberdade em licenciosidade, ao mesmo tempo que torna o indivíduo vazio em seu âmago. E se vazio estamos perdemos a razão para existir, abandonando a busca por respostas já que também elas perderam seu sentido.

O vazio sempre enlouquece as pessoas. Você precisa de algum enraizamento, algum centramento, você precisa de alguma relação com a existência. Deus estando morto, toda a sua relação com a existência acabou. Deus estando morto, você foi deixado sozinho, sem raízes. Uma árvore não pode viver sem raízes, você também não.⁸

A guisa de breve conclusão gostaríamos de afirmar categoricamente que Deus não está morto, porém ele definha por nossa ausência em sua fé, ele sofre com nosso distanciamento da essência em busca da aparência que é alimentada pela realidade cibernética e que nos torna tão vorazes que esquecemos de tudo que é real à nossa volta. Deus está morrendo pela perda de uma criança cuja vida jamais perdurou e que foi vitimada por nossa ânsia desenfreada por sensações e estímulos tão inócuos que simulam um estado de felicidade efêmera, causando o mesmo efeito nefasto de uma droga química pela dependência escravizante da necessidade dessa efeméride clicada em uma tela de computador ou outro artefato tecnológico que se tornou não uma extensão, mas sim uma parte essencial de nosso corpo, sem a qual nos vemos vazios e destituídos de esperança (assim como de fé).

Precisamos carregar um Deus vivo dentro de nós mesmos, ou seremos mais um morto insepulto, pensando estar dentro de um Corpo vivo. Brunno Saint

- 1 <https://diariodocomercio.com.br/opiniaio/a-ilusao-da-egolatria-voce-sabe-com-quem-esta-falando/>
- 2 <https://www.otempo.com.br/opiniaio/eduardo-aquino/egoismo-egocentrismo-egolatria-quando-so-vemos-a-nos-mesmos-deixamos-de-existir-1.218045>
- 3 https://www.pensador.com/historias_de_superacao/
- 4 <https://www.blogdoschadt.com/post/deus-esta-morto-qual-a-sua-culpa-nisso>
- 5 https://pt.wikipedia.org/wiki/Caso_Henry_Borel#Antecedentes
- 6 <https://www.agazeta.com.br/es/policia/morre-menino-de-2-anos-vitima-de-bala-perdida-durante-ataque-de-trafficantes-em-vila-velha-0222>
- 7 <https://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI111380-17579,00-DEUS+ESTA+MORTO.html>
- 8 <https://www.osho.com/pt/citacoes-portugues/deus-est%C3%A1-morto>